

0095 - Rosimeire Barboza Silva e Lennita Oliveira Ruggi

Gênero e sexualidade no futebol:

notas sobre a construção da masculinidade hegemônica

Lennita Oliveira Ruggi
Rosimeire Barboza Silva

*ESTADÃO FILHA DA PUTAAAA - preciso da ajuda de vcs
gUs* is Back*

[14-04-2005, 21:22]

Venho através deste expressar minha raiva e pedir um favor aos prezados flooders da hardmob.

No final do ano, após o Santos se consagrar campeão brasileiro, já foi publicada uma matéria no Estadão (principal jornal de São Paulo): Robinho já está vendido, e ira no meio do ano para a Europa.

Ai foi passando o tempo, Robinho jogando cada vez mais e todo dia o Estadão publicando uma nova matéria dizendo q já estava tudo acertado e que Robinho DEVERIA ir para Europa, para melhorar seu futebol blablablaba, e além de tudo desmerecendo o time do Santos, dizendo q o time era o Robinho...

Ate q domingo passado, dia 10 de abril, o Estadão publica uma matéria de capa: ROBINHO JA ESTA VENDIDO, VAI EM JULHO PARA O REAL MADRI, 100% CONFIRMADO

(...)

Pai Mei

[15-04-2005, 0:55 # 23]

Se o Robinho continuar até a Copa 2006, não dou um ano pra ele cair no esquecimento.

O cara tá de saco cheio com Brasil e dou o maior apoio pro cara ser reconhecido mundialmente, se ele ficar no Brasil ninguém vai dar mole pro cara.(...)

Europa = Fama = Sucesso = Mulheres = Dinheiro = Contratos Milionários de Publicidade.

Se você fosse ele, qual escolha faria ?

(Fórum HardMOB, 2005: s/p).

Na intersecção entre mídia e futebol, o descontentamento expresso por um leitor/torcedor em um fórum de discussão na internet e, em especial as respostas que suscitou, são exemplos significativos do caráter multifacetado das representações sobre as relações de gênero no futebol. Apesar de não se constituir em um discurso definitivo e coerente (e por isto mesmo), o debate no HardMOB demonstra a heterogeneidade de perspectivas construídas simultaneamente uma com/contra as outras. Pesquisar os processos de exclusão no futebol exige atentar para esta multiplicidade, demonstrando que as afirmações de torcedores, dirigentes, jogadores,

0095 - Rosimeire Barboza Silva e Lennita Oliveira Ruggi

da mídia e da própria academia são co-dependentes, numa dinâmica de reforço e contestação de representações.

Neste sentido, é paradigmática a equação estabelecida por Pai Mei, segundo a qual “Europa = Fama = Sucesso = Mulheres = Dinheiro = Contratos Milionários de Publicidade”. Com efeito, na dinâmica de visibilidade do futebol internacional, determinadas agremiações européias propiciam fama e sucesso, altos salários e contratos publicitários vantajosos. A interpretação de Pai Mei reforça a percepção hegemônica de que o topo da carreira de um futebolista brasileiro é uma colocação em um dos clubes participantes da *Liga dos Campeões*.

Interessa ressaltar, todavia, que sua lista incluía “mulheres” como uma das “conquistas” implícitas ao auge da trajetória dos jogadores. Como tem argumentado o debate sobre esporte e masculinidades, as práticas desportivas dominantes não apenas desvalorizam o engajamento de mulheres em um processo de exclusão/depreciação, mas funcionam ativamente na (re)produção da desigualdade de gênero, criando espaços de homosociabilidade cuja dinâmica é de afirmação de superioridade pelos homens (Messner e Sabo, 1990). A equação não é exclusiva de Pai Mei, ao contrário: trata-se de uma percepção amplamente difundida no universo futebolístico. “Salários astronômicos, fama, mulheres, carrões importados. Se você é jogador de futebol e dos bons, pode ter tudo isso em um estalar de dedos” (Amaral, 2006: s/p). No plural e niveladas com automóveis e rendimentos financeiros, as mulheres estão sujeitas a um processo de objetificação extremamente perverso neste tipo de representação. Elas são tomadas como um dos denotadores de status dos boleiros bem sucedidos e mobilizadas para legitimar a masculinidade hegemônica (heterossexual).

A popular figura da “Maria Chuteira” – expressão utilizada para designar mulheres que teriam especial interesse em relacionar-se amorosamente com jogadores de futebol – constrói as mulheres como sendo predominantemente ambiciosas e interesseiras: “Todo mundo já sabe que existem jogadores que ganham fortunas com o futebol, jogadores milionários que deixam as Marias Chuteiras louquinhas para arrumar um bom casamento, o casamento ‘Baú da Felicidade’” (Tapa na Cara, 2008: s/p). Segundo o estereótipo popular, a Maria Chuteira é atraente, atrevida e loira, na maioria dos casos “oxigenada” (ou seja, com os cabelos descoloridos com água oxigenada). O objetivo principal de uma Maria Chuteira seria casar-se com um futebolista ou “dar o golpe da barriga”, a saber, engravidar de um jogador rico

0095 - Rosimeire Barboza Silva e Lennita Oliveira Ruggi

visando receber a pensão alimentícia legalmente garantida para a(s) criança(s) até a maioridade. Convém ressaltar que tal estereotipização não é desrespeitosa somente com as mulheres, mas igualmente com os jogadores de futebol, na medida em que insinua serem dinheiro e fama seus únicos fatores de atração no “mercado” afetivo. Caso se considere que o recrutamento de boleiros tem classe e raça como determinantes relevantes, pode-se começar a acessar o caráter profundamente preconceituoso que conforma a figura da Maria Chuteira.

Uma entrevista concedida à Revista *Veja* em 2003 pela jogadora Milene Rodrigues, a “Rainha das Embaixadinhas”, fornece mais alguns elementos para pensar sobre as configurações de gênero no futebol. Milene era uma figura pública por ter conquistado o “recorde mundial de embaixadinhas, aos 17 anos, ao dar 55.197 toques em uma bola de futebol durante nove horas seguidas, sem parar sequer para comer” (Agência Estado, 2006: s/p). Posteriormente, namorou, teve um filho e casou-se com o jogador Ronaldo Nazário, ou “Fenômeno”. A introdução formulada pela *Veja* à fala de Milene reforça sua imagem pública como esposa do jogador: “A mulher de Ronaldo diz que ‘existe vida fora do casamento’ e que não quer ficar com o dinheiro dele” (Brasil, 2003: s/p). Explorando como notícia as crises de relacionamento do casal, a entrevista permite acessar algumas das representações que cercam o assédio feminino aos futebolistas: “Desde que se casou com o jogador, quatro anos atrás, a paulistana Milene Domingues, 24 anos, já ouviu várias histórias sobre o envolvimento de seu marido com modelos, dançarinas... No princípio do casamento, tais comentários a incomodavam muito. Agora, não mais” (Brasil, 2003: s/p).

É relevante que as mulheres citadas pela *Veja* sejam modelos e dançarinas, em sua maioria integrantes do universo midiático para quem beleza e visibilidade são questões profissionais. Segundo Milene: “Muitas delas fazem tudo por um minuto de fama, por uma oportunidade de aparecer. Quando sai publicado que uma mulher foi vista com um jogador, e o mesmo acontece quando ela sai com um artista, o passo seguinte é o assédio. As mulheres conseguem trabalho por pelo menos três meses. Algumas acabam posando nuas, ganham dinheiro” (apud Brasil, 2003: s/p). Apesar de não ser explicitamente nomeada, tais comentários se referem à figura Maria Chuteira e à sua posição (subalterna) na hierarquia do *show business*. Neste mesmo sentido, a despeito de salientar que seu relacionamento com Ronaldo “foi diferente”, Milene

0095 - Rosimeire Barboza Silva e Lennita Oliveira Ruggi

reconhece que a fama do marido foi relevante para sua convocação para a seleção feminina brasileira de futebol: “Ele me ajudou indiretamente. Pelo fato de eu ser esposa dele, as pessoas têm curiosidade e vão procurar saber se estou jogando. Acabam indo lá ver” (apud Brasil, 2003: s/p).

Outra representação reveladora sobre a construção de estereótipos de gênero no futebol é a dos significados investidos na bola – substantivo feminino e feminilizado. De acordo com Armando Nogueira, “a alma feminina de uma bola é capaz de perfídias inimagináveis” (1998: 145). Mesmo defendendo publicamente a participação das mulheres nos esportes em geral, Nogueira reforça a dinâmica de erotização a que estão submetidos os corpos femininos, posicionando-os como alvo do olhar masculino¹. Seus comentários traçam repetitivos paralelos entre a bola e as mulheres: “Ganhei uma bola. É uma jóia. Contemplo-a como se estivesse olhando uma mulher bonita” (1998: 1). Roberto DaMatta, em crônica publicada no *Jornal da Tarde*, compara a bola de futebol às personagens de Capitu e Carmem, para posteriormente descrever “essa bola que tentamos domesticar, segurar e ‘comer’. Sem ela, poderia haver jogo, mas não haveria grandeza e ritual. Pois a bola representa insegurança, descontrole e, é claro, o sal da vida” (2006: 24).

Tanto quanto às metáforas militares e de combate, como foi apontado por Franco Júnior (2007), o futebol se presta à metáforas sexuais, difundindo um imaginário que contrasta estereótipos de masculinidade-ativa e feminilidade-passiva. Segundo DaMatta, “a potência que sustenta casamentos, engendra filhos e, no campo de futebol, produz a vitória, não depende só de milagre. Ela é, acima de tudo, a decisão de ‘comer a bola’ e o time adversário (...) Se a bola, como todo mundo sabe, corre mais do que os homens, não se pode ficar parado, tem-se de correr atrás dela e fazê-la penetrar no gol do adversário” (2006: 55). Na mesma medida em que se pretendem literárias, tais narrativas não são inocentes e, como demonstra a crítica feminista, reforçam padrões desiguais de gênero.

O futebol, espaço privilegiado para socialização de meninos e homens no Brasil, oferece uma arena de difamação pública e deliberada dos “Outros” identitários

¹ “Steffi Graf era uma menininha sem graça. Jogava um tênis soberbo, mas não tinha a sensualidade de Natalia Svereva, nem a beleza de Sabatini. Fez-se moça, ganhou viço e já é, hoje, uma das musas mais cortejadas do tênis internacional. A cada novo game, Steffi fica mais bonita. Agora, ela resolveu inovar em matéria de roupa. Trocou o uniforme convencional por um conjunto bem mais sedutor. Um saiote generosamente curto, vazado na frente e atrás, deixando à vista uma calcinha estampada de singular colorido. Um toque sensual que o olho da televisão, como o meu próprio, contempla sem piscar” (Nogueira, 1998: 22).

0095 - Rosimeire Barboza Silva e Lennita Oliveira Ruggi

da masculinidade hegemônica. Em nenhum outro lugar isto é mais manifesto do que nos estádios, palco do clamor das torcidas. Formulados visando não só valorizar seu próprio time, mas ofender o clube e os torcedores adversários, os gritos entoados em coro compartilham o padrão sexualizado e misógino do linguajar de baixo calão em português. Algumas das ofensas generalizadas são menções pejorativas às supostas práticas sexuais das mulheres relacionadas aos torcedores adversários – indicando que os interlocutores idealizados são igualmente do sexo masculino. A torcida do São Paulo Futebol Clube, por exemplo, em confrontos futebolísticos contra a Sociedade Esportiva Palmeiras, brada: “éééé / mulher de palmeirense só não come quem não quer / eu já comi!”. Em Recife, a Torcida Organizada Inferno Coral, composta por adeptos da agremiação tricolor Santa Cruz Futebol Clube, ofende seus rivais da torcida Jovem, do Sport Clube do Recife (cujas cores são vermelho e preto) gritando: “ÔôÔôÔ mulher de rubro negro só fode com tricolor ÔôÔôÔ”.

Outro conjunto ainda mais forte de estratégias de difamação se assenta na homofobia predominante no universo do futebol. Contra seus adversários torcedores do Coritiba Football Club, também conhecido como *Coxa*, os integrantes da Fanáticos, torcida organizada do Clube Atlético Paranaense, entoam: “Atirei o pau nos coxas / E mandei tomar no cu / Coxarada filha da puta / Chupa rola e dá o cu / Hey, coxa, vai tomar no cu!!!” De acordo com Antônia Schwinden, “No jogo contra o Grêmio Foot-ball Porto Alegre (31 de outubro/07), um dos seus jogadores ouviu dos mais de 20 mil torcedores atleticanos – incluindo ‘família, mulheres e crianças’ – durante aproximadamente cinco minutos um coro ritmado e uníssono de ‘vá-toma-no-cu’” (Schwinden, 2008: 85). Num acróstico para depreciar a imagem dos competidores da torcida Jovem, a Inferno Coral canta nos estádios: “J de Jovengay (bis)... o O é de Otário (bis)... o V é de Viado (bis)... o E é de Estranho (bis)... o M é de Mulher (bis)...” Tais excertos demonstram a existência de uma dinâmica similar à analisada por Ben Clayton e Barbara Humberstone no tocante às conversas informais entre universitários jogadores de futebol na Inglaterra. O estudo aponta que, em meio à sociabilidade praticada em vestiários e bares estudantis, “os homens negociam sua identidade posicional masculina e (re)afirmam sua separação do ‘outro’, as mulheres e os homens gays” (2006: 295, tradução livre).

Assim, e reforçada por meio dos estereótipos que operam num imaginário social que se alimenta continuamente da figura central essencializada no mito do

0095 - Rosimeire Barboza Silva e Lennita Oliveira Ruggi

homem branco, ocidental e heterossexual, não é difícil compreender o papel do racismo na construção dessa hegemonia.

Em um jogo contra o São Paulo Futebol Clube pela *Taça Libertadores da América*, realizado na capital paulista em 14 de abril de 2005, Leandro Desábato, “jogador argentino do Quilmes [Atlético Club], teria ofendido o jogador do São Paulo chamado Grafite com expressões de cunho racista: ‘*Negríto de mierda, enfia la banana en el culo*’” (Abrahão e Soares, 2007: 2, itálicos no original). A ofensa contra Edinaldo Batista Libânio, o “Grafite”, está imersa na complexa dinâmica dos estereótipos raciais, que remete os negros para a esfera da natureza, da inferioridade e da irracionalidade. Desábato foi detido por injúria qualificada após o término do jogo. Segundo artigo de Arahão e Soares, tal utilização de uma disposição legal para defender o jogador ofendido – e, junto com ele, a identidade nacional brasileira – não deve ser encarada como indicativo da ausência de discriminação racial no país. “O racismo de Desábato que supostamente após a prisão seria tratado como crime inafiançável, foi tratado, nos termos da interpretação legal, com um tipo de injúria não enquadrada como racismo e, portanto, afiançável” (2007: 15). Convém ressaltar que sua prisão foi efetuada *após* o jogo, o que é indicativo da importância concedida ao combate ao racismo no futebol. Mantido sob custódia durante 16 horas, o futebolista foi liberado depois da fiança ter sido quitada por seu clube. Apesar disso, os autores argumentam que “essa prisão foi inédita na história do futebol brasileiro” (2007: 2).

Na grande maioria dos relatos sobre o evento, a frase de Desábato é descrita como racista, ao passo que a homofobia nela implícita raramente é citada como um mecanismo de discriminação social. Mesmo Abrahão e Soares somente a mencionam de passagem, de maneira indireta: “Em tempo, é importante salientarmos que Desábato, ao mandar ‘enfiar la banana em el culo’, utilizou duas imagens para desestabilizar emocionalmente Grafite pelos códigos da masculinidade que deve ser definida pela atividade e da superioridade ‘racial’ [sic]” (Abrahão e Soares, 2007: 7-8) – portanto, sem nomear explicitamente a dimensão de preconceito sexual presente na ofensa. Neste sentido, parece acertado indicar que, se há um movimento público e difundido visando deslegitimar o linguajar racista no futebol, o mesmo não pode ser dito sobre as discursividades homofóbicas e misóginas.

No dia 29 de agosto de 2007, “o meio-campista Richarlyson, do São Paulo, foi recepcionado no Parque Antarctica aos gritos de ‘bicha’ e ‘mulher’” (Correio do

0095 - Rosimeire Barboza Silva e Lennita Oliveira Ruggi

Brasil, 2007: s/p). Especialmente ofendida pelo fato de Richarlyson Barbosa Felisbino ter optado, em 2005, por atuar no São Paulo Futebol Clube em detrimento de sua agremiação, a torcida palmeirense dava continuidade ao discurso de difamação iniciado por Jose Cyrillo, dirigente do Palmeiras, em junho de 2007. Participando de um programa televisivo, Cyrillo foi questionado sobre um boato segundo o qual “um jogador de um grande clube paulistano estava em negociação com a TV Globo para assumir a homossexualidade (...) Indagado sobre a possibilidade de haver um atleta homossexual no elenco palmeirense disposto a assumir publicamente sua opção, Cyrillo começou a responder dizendo: ‘O Richarlyson quase foi do Palmeiras’” (Folha Online, 2007: s/p). Frente ao frisson midiático que a declaração causou (e acentuando-o) Richarlyson apresentou uma queixa-crime contra o dirigente do Palmeiras. O juiz Manoel Maximiano Junqueira Filho, responsável pelo caso, determinou a não continuidade do processo: “No documento em que relaciona os motivos para o arquivamento do caso, Junqueira Filho classifica o futebol como ‘jogo viril, varonil, não homossexual’ e sugere que um atleta gay deve abandonar a carreira ou montar um novo time e criar uma federação própria para continuar atuando” (Folha Online, 2007: s/p). Posteriormente, a sentença se tornou alvo de sindicância do poder judiciário, Junqueira Filho decidiu anular o que escreveu e Richarlyson iniciou novo processo contra o juiz. Mesmo não sendo prática exclusiva do universo esportivo, utilizar termos relacionados à homossexualidade e à feminilidade como injúrias, como fez a torcida do Palmeiras contra Richarlyson, corresponde a elevar simbolicamente a masculinidade “viril, varonil, não homossexual”.

Identificar algumas das dinâmicas de gênero implícitas no futebol brasileiro possibilita interpretar de maneira diversa o investimento nacionalista que se realiza ao redor deste esporte – em outras palavras, quais são as ausências criadas pela invenção da tradição do Brasil como país do futebol². Silvana Vilodre Goellner argumenta que “há muito tempo as mulheres protagonizam histórias no futebol brasileiro ainda que tenham pouca visibilidade, seja na mídia, no cotidiano dos clubes e associações esportivas, na educação física escolar ou nas políticas públicas de lazer” (2005: 143). As experiências femininas no futebol, além de quantitativamente reduzidas, são distintamente valorizadas, na medida em que se inserem nas dinâmicas de espetacularização/erotização das mulheres. “Objeto do olhar de outrem, o corpo

² Seguindo a proposta metodológica estabelecida por Boaventura de Sousa Santos em sua sociologia das ausências e das emergências (2006).

0095 - Rosimeire Barboza Silva e Lennita Oliveira Ruggi

erotizado no e pelo esporte, inventa uma imagem da atleta contemporânea que, mesmo exercitada fisicamente, inscreve no seu corpo marcas que o tornam absolutamente desejável” (Goellner, 2005: 147).

Promovido pela Federação Paulista de Futebol (FPF), o campeonato estadual de futebol feminino de 2001, também conhecido como “Paulistana”, interditou a participação de atletas que tivessem mais de 23 anos, cabelos raspados ou corporalidade “masculinizada”. De acordo com uma das jogadoras da competição, não identificada porque o regulamento proibia expressamente as participantes de publicizar críticas à organização do Campeonato: “Eles queriam vender a imagem do campeonato, passar na TV, eles não iam querer ver uma desdentada, e queriam ver a loirinha. Então teve muita menina que passou porque era bonitinha e não porque jogava. (...) Como teve menina também, que era do cabelinho ruim, não tinha dente, não passou e jogava bem. Foi muito de imagem e isso me irritou, me irritou mesmo” (apud Knijnik e Vasconcellos, 2003: 86). Jorge Dorfman Knijnik e Esdras Guerreiro Vasconcellos argumentam que a “promoção da Paulistana nestes moldes gerou uma série de polêmicas: deputados entraram com representações contrárias à discriminação das ‘feias’, atletas foram aos jornais reclamar, houve alguns protestos isolados, mas o campeonato aconteceu” (Knijnik e Vasconcellos, 2003: 77).

O Campeonato Paulista Feminino de Futebol de 2008 tem inscritas 18 equipes (Federação Paulista de Futebol, 2008). Em grande parte dos times, as mulheres conciliam dupla jornada de trabalho. Exemplo é o Nacional A.C., do distrito de Barra Funda em São Paulo, que tem dificuldade de manter o ritmo de treinamento de três vezes por semana. Segundo o diretor de futebol da equipe, Cláudio Ferraz Aguirre: “Depende da disponibilidade das meninas. Como a maioria do grupo trabalha e temos dificuldade em encontrar bons campos de futebol, treinamos na quarta ou quinta-feira” (apud Federação Paulista de Futebol, 2008). Segundo a jogadora Marta Vieira da Silva, “o Brasil é o país do futebol masculino. As mulheres não têm muito espaço, essa é a realidade” (apud Maranhão, 2006: s/p). Marta é, atualmente, a mais famosa boleira brasileira.

À primeira vista, a trajetória de Marta é bastante semelhante à dos boleiros nacionais bem-sucedidos. Nascida em um pequeno município de Alagoas, filha de uma família mono-parental de baixa renda, atuou por algum tempo no Rio de Janeiro e no interior de São Paulo, antes de transferir-se para o clube Umeå IK, da Suécia, em

0095 - Rosimeire Barboza Silva e Lennita Oliveira Ruggi

2004, quando tinha dezoito anos. Em 2008 foi contratada pela equipe Sol de Los Angeles nos EUA, onde jogou apenas um ano. A equipe foi dissolvida, e em 2009 Marta retornou ao Brasil onde esteve quatro meses na equipe do Santos. Atualmente Marta está de volta aos EUA e defende a camisa do Golden-Pride de Santa Cruz. Também referida como “Pelé de saias”, Marta foi eleita como a melhor jogadora do mundo pela Fifa, quatro vezes, em 2006, 2007, 2008 e 2009 consecutivamente e foi artilheira da seleção brasileira nos *Jogos Pan-americanos* de 2007. Tem o primeiro maior rendimento mundial entre as jogadoras de futebol do mundo, de aproximadamente US\$ 500 mil por mês de salário no Golden-Pride, e seu “carro dos sonhos” é um BMW (The Official Site of Marta, 2008). Ao contrário dos homens, entretanto, para quem o ingresso no futebol representa um processo normalizado, padrão, condizente com as práticas masculinas, o percurso de Marta não foi marcado por incentivos. Segundo seu site oficial na Internet: “No início, a pequena Marta não era tão feliz quanto às demais crianças, já que era a única menina a correr atrás da bola, e sofreu com o preconceito. Seus primeiros chutes e dribles foram dados entre os moleques da vizinhança, a maioria deles bem mais velhos do que ela. Alguns diziam que Marta não podia jogar por ser mulher” (The Official Site of Marta, 2008).

A proibição legal à prática do futebol feminino vigorou no Brasil entre 1965 e 1979 (Goellner, 2005). O futebol feminino não tem, até o presente, um calendário nacional que proporcione a continuidade das iniciativas, apesar de alguns esforços estarem sendo realizados neste sentido – inclusive por influência da Fifa e do Ministério dos Esportes, que têm promovido o jogo para as mulheres. De acordo com a mídia esportiva, “o futebol feminino luta para sobreviver no país” (Pappun, 2004: s/p).

Não existem estatísticas oficiais nem dados oficiosos que permitam avaliar a dimensão das transferências internacionais entre as jogadoras brasileiras³. Segundo Delma Gonçalves, mais conhecida como “Pretinha”, que atuou nos Estados Unidos, no Japão e na seleção brasileira: “É que nem no futebol masculino, todo mundo quer jogar no exterior (...) Lá tem mais valorização” (apud Pappun, 2004: s/p).

³ Discutindo o esporte em geral, não só o futebol, Maguire argumenta: “Seja quais forem as vantagens [na migração esportiva], elas parecem fluir ao longo de linhas de gênero, pois o padrão de migração global descrito até agora, envolvendo jogadores, treinadores e oficiais, envolve predominantemente, ainda que não exclusivamente, homens” (Maguire, 1999: 99, tradução livre).

0095 - Rosimeire Barboza Silva e Lennita Oliveira Ruggi

Quando a seleção de futebol feminina recebeu a medalha de ouro nos *Jogos Pan-americanos*, em 2007, Marta deu continuidade à estratégia de ocupação do espaço midiático para exigir maior atenção ao futebol feminino – o que já havia realizado em competições internacionais anteriores e nas premiações da Fifa. Em entrevista publicada pela Agência Brasil, afirmou: “Tem muita menina querendo jogar, tem muita Marta, muitas Formigas, muitas Danielas [jogadoras da seleção]⁴ e a gente tá ai junto na luta para que isso venha acontecer, para que a gente possa ter uma liga, para que a gente possa ter uma estrutura melhor aqui no Brasil” (apud Amado e Aquino, 2007: s/p). A jogadora defende que o desenvolvimento do jogo entre as mulheres não depende apenas da CBF, mas do envolvimento dos clubes, das empresas e do governo. Ao mesmo tempo em que as reivindicações por maior apoio e investimento ao futebol feminino brasileiro feitas pelas jogadoras são legítimas, é pertinente salientar dois aspectos obscurecidos por seus protestos, na medida em que são ausências criadas nos interstícios do discurso.

O objetivo desse artigo foi tentar compreender, por meio de uma discussão crítica, as intersecções que categorias como gênero e sexualidade operam na construção de masculinidades hegemônicas em torno do futebol. Dizemos “em torno” e não “no” futebol porque como apresentado nas páginas anteriores, a construção de tais masculinidades não se restringem à figura de craques e profissionais (jogadores e jogadoras): antes, ela permeia a construção social dos “Outros” em oposição a um “Nós” normatizado e normatizador que anseia por compartilhar, nem que seja em forma de desabafo ou grito de guerra, o nível de identificação e “repulsa” que existe entre o normatizado (aquele que é comumente aceito como normal e esperado) e a exceção (àquelas categorias que desestabilizam a norma justamente por questioná-la).

A exceção ou os “Outros” criados pelos discursos hegemônicos, entretanto, funcionam como potentes desestabilizadores das masculinidades forjadas em torno do futebol, como os casos de Grafite, Richarlyson, Milene Domingues e Marta tão bem demonstraram. Se bem que sua condição ainda seja a de subalternização nos grandes discursos midiáticos, suas performances apontam para a complexidade necessária às análises atentas ao gênero e às sexualidades.

Referências bibliográficas

⁴ Observe-se que os autores da reportagem consideraram necessário identificar as jogadoras, o que seria impensável para jogadores da seleção brasileira masculina.

0095 - Rosimeire Barboza Silva e Lennita Oliveira Ruggi

ABRAHÃO, Bruno Otávio de Lacerda e SOARES, Antonio Jorge. “Uma análise sobre o caso ‘Grafite X Desábato’ à luz do ‘racismo à brasileira’”. In: *Esporte e Sociedade*. Rio de Janeiro, ano 2, n.5, mar/jun 2007, p.1-17. Disponível em: <<http://www.racismonofutebol.org.br/index.php/Estudo-de-Caso/Estudo-de-caso/>>. Acesso em 27 maio 2008.

AGENCIA ESTADO. Milene Domingues em concurso de dança da TV espanhola. São Paulo, 20 fev 2006. Disponível em: < <http://www.achanoticias.com.br/noticia.kmf?noticia=4297218>>. Acesso em 6 jun 2008.

ALABARCES, Pablo. *Fútbol y Patria: el fútbol y las narrativas en la nación en la Argentina*. Buenos Aires, Prometeu, 2002.

AMADO, Aécio e AQUINO, Yara. *Melhor jogadora de futebol do mundo pede "resgate" da modalidade no Brasil*. Agência Brasil, Rio de Janeiro/São Paulo, 26 jul 2007. Disponível em: < <http://www.agenciabrasil.gov.br/noticias/2007/07/26/materia.2007-07-26.1299625844/view> >. Acesso em 30 maio 2008.

AMARAL, Paulo. Entrevista com Regina Brandão, o nome por trás da mudança alverde. In: *Gazeta Esportiva*, São Paulo, 28 ago 2006. <<http://www.gazetaesportiva.net/entrevista/futebol/ent179.php>>. Acesso em 23 maio 2008.

BRASIL, Sandra. “Entrevista: Milene Rodrigues”. In: Revista Veja, São Paulo, 24 set 2003. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/240903/entrevista.html>>. Acesso em 4 jun 2008.

CLAYTON, Ben e HUMBERSTONE, Barbara. “Men's Talk: A (Pro)feminist Analysis of Male University Football Players”. In: *International Review for the Sociology of Sport*. Sage, n. 41, 2006, p.295–316. Disponível em: <<http://irs.sagepub.com/cgi/content/abstract/41/3-4/295>>. Acesso em 29 abr 2008.

CLIC ESPORTES. Gold Pride-EUA anuncia a contratação de Marta. 05 fevereiro 2010. Disponível em: <http://www.clicrbs.com.br/esportes/rs/noticias/futebol,2800567,Gold-Pride-EUA-anuncia-a-contratacao-de-Marta.html> . Acesso em 29 abril 2010.

CORREIO DO BRASIL. *Richarlyson é recebido aos gritos de 'bicha' por torcida palmeirense*. Rio de Janeiro, 30 ago 2007. Disponível em: <<http://www.correiodobrasil.com.br/noticia.asp?c=125082>>. Acesso em 28 maio 2008.

DaMATTA, Roberto. *A bola corre mais do que os homens: duas copas, treze crônicas e três ensaios sobre futebol*. Rio de Janeiro, Rocco, 2006.

FEDERAÇÃO PAULISTA DE FUTEBOL. *Campeonato Paulista Feminino começa neste final de semana*. São Paulo, 11 abr 2008a. Disponível em: <<http://www.futebolpaulista.com.br/informe.php?sec=119&sub=&cod=10325> >. Acesso em 28 maio 2008.

FEDERAÇÃO PAULISTA DE FUTEBOL. *Nacional está preocupado com falta de ritmo*. São Paulo, 27 maio 2008b. Disponível em: <<http://www.futebolpaulista.com.br/informe.php?sec=119>>. Acesso em 28 maio 2008.

FERRARI, Luís. *Fifa banca ação contra o racismo no Brasil*. S/l, 18 maio 2008. Disponível em: <<http://www.racismonofutebol.org.br/index.php/Noticias/Fifa-banca-acao-contra-o-racismo-no-Brasil.html>>. Acesso em 28 maio, 2008.

FOLHA ONLINE. *Juiz arquiva queixa de Richarlyson e diz que futebol “é viril”*. São Paulo, 3 ago 2007. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/esporte/ult92u317411.shtml>>. Acesso em 28 maio 2008.

0095 - Rosimeire Barboza Silva e Lennita Oliveira Ruggi

FÓRUM HARDMOB. *ESTADÃO FILHA DA PUTAAAA - preciso da ajuda de vcs.* S/1, 2005. Disponível em: <<http://forum.hardmob.com.br/showthread.php?t=193267>>. Acesso em 5 maio 2008.

FÓRUM HARDMOB. *Normas de Uso do Fórum (revisão 22/03/2008).* S/1, 2008. Disponível em: <<http://forum.hardmob.com.br/showthread.php?t=322952>>. Acesso em 5 maio 2008.

FRANCO JÚNIOR, Hilário. *A dança dos deuses: futebol, sociedade cultura.* São Paulo, Companhia das Letras, 2007.

FUTEBOL FINANCE. *Salários dos Jogadores de Futebol 07/08 II.* Lisboa, 2008. Disponível em: <<http://www.futebolfinance.com/salarios-dos-jogadores-de-futebol-0708-v11/>>. Acesso em 28 maio 2008.

GAZETA DO POVO. “Marta evita se iludir com o futuro no Brasil”. *Caderno de Esportes*, quinta-feira, 21 dez 2006, p.2-2.

GOELLNER, Silvana Vilodre. “Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades”. *Revista Brasileira de Educação Física.* São Paulo, v.9, n.2, abr/jun 2005, p.143-151. Disponível em: <www.usp.br/eef/rbefe/v19n22005/v19n2p143.pdf>. Acesso em 28 maio 2008.

MAGUIRE, Joseph. *Global Sport: identities, societies, civilizations.* Cambridge, Polity Press, 1999.

MARANHÃO, Rafael. “Marta: ‘O Brasil é o país do futebol masculino’: Craque não tem certeza de que seu prêmio trará apoio às competições femininas”. *Globo on line.* Rio de Janeiro, 19 dez 2006. Disponível em: <<http://globoesporte.globo.com/ESP/Noticia/Arquivo/0,,AA1393866-4840,00.html>>. Acesso em 28 maio 2008.

MESSNER, Michael e SABO, Donald A. (Eds.) *Sport, men, and the gender order: critical feminist perspectives.* Human Kinetics Books, Illinois, 1990, p. 1-114.

NOGUEIRA, Armando. *O canto dos meus amores.* Rio de Janeiro, Dunya Editora, 1998.

PAPPON, Thomas. *Brasil aposta na juventude para vencer os EUA.* BBC Brasil/Esportes Terra, S/1, quinta-feira, 26 ago 2004. Disponível em: <<http://esportes.terra.com.br/atenas2004/interna/0,,OI371912-EI3995,00.html>>. Acesso em 30 maio 2008.

REDAÇÃO DO JM. “Ronaldo sai de casa e deixa Milene Rodrigues”. In: *Jornal da Mídia.* Salvador, 10 out 2003. Disponível em: <http://www.jornaldamidia.com.br/noticias/2003/10/Ronaldo_sai_de_casa_e_deixa_Mi.shtml>. Acesso em 8 jun 2008.

SCHWINDEN, Antônia. *Dez atleticanas e uma fanática.* Curitiba, Edição da autora, 2008.

TAPA NA CARA. *Os 10 maiores salários do futebol mundial, jogadores que mais ganham dinheiro no futebol.* S/1, 3 março 2008. Disponível em: <http://tapanacara.com.br/blog/2008/03/os_10_maiores_salarios_do_fute.html>. Acesso em 27 maio 2008.

THE OFFICIAL SITE OF MARTA. *De Dois Riachos para a conquista do mundo; Família é o porto seguro de Marta e Marta eleva nível do futebol brasileiro.* S/1, 29 maio 2008. Disponível em: <<http://www.marta10.com>>. Acesso em 29 maio 2008.

THE OFFICIAL SITE OF MARTA. *Marta won fourth title in a row.* S/1, 22 dezembro 2009. Disponível em: <http://www.marta10.com/en/latest_news.asp>. Acesso em 29 abril 2010.